



Revista Pistis & Praxis: Teologia e
Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Peressute, Ariana; Furtado Holanda, Adriano
Sentidos da morte segundo A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 6, núm. 1, enero-abril, 2014, pp. 299-319
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449748253016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Sentidos da morte segundo A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Meanings of death by The Church of Jesus Christ of the Latter-day Saints

Ariana Peressute^[a], Adriano Furtado Holanda^[b]

^[a] Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialista em Logoterapia, psicóloga clínica na Associação Viktor Emil Frankl, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: arianaperessute@hotmail.com

^[b] Doutor em Psicologia, professor adjunto da graduação e mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: aholanda@yahoo.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é descrever aspectos dos fundamentos doutrinários de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, no que concerne principalmente ao tema da *morte*. Espera-se encontrar contribuições acerca da seguinte questão: a proposta doutrinária da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é capaz de servir como recurso para o enfrentamento do luto? Realizou-se análise documental, a fim de colher dados básicos sobre sua doutrina, no que concerne à questão da morte, para verificar a hipótese de que a adesão a uma religião pode estar vinculada às respostas existenciais que o ser humano tanto busca e que pode servir de apoio para amenizar o sofrimento causado pela morte de alguém próximo. Foi realizada uma seleção de artigos na revista mensal da Igreja, bem como nos livros oficiais, nos capítulos que enunciavam algo

relacionado à morte ou à adversidade, e descreveu-se o que a Igreja pensa a respeito. Conclui-se, pela análise de depoimentos, que a Igreja é uma fonte de conhecimento e consolo para seus membros, nos momentos de perda e enfrentamento da morte, e que o estudo do tema é pertinente para o desenvolvimento de todo e qualquer ser humano.

Palavras-chave: Morte. Consolo. Enfrentamento. Religiosidade.

Abstract

The purpose of this assignment is to describe aspects of the doctrinal foundations of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, especially regarding the death subject. Is expected to find contributions concerning the following matter: Is the proposed doctrine of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints capable of serving as a resource to cope with the grief of mourning? Documented analysis was conducted in order to gather basic data about its doctrine, regarding the matter of death, to verify the hypothesis that adherence to a religion may be linked existential answers that humans can both search and provide support to ease the suffering caused by the death of someone close. I was performed a selection of articles in the monthly magazine of the Church as well as in the official books, chapters that enunciated something related to death or adversity and described what the Church thinks about. I was conclude by analyzing evidences that the Church is a source of knowledge and comfort to its members in times of loss and coping with death and that the study of the topic is relevant to the development of any human being.

Keywords: Death. Comfort. Coping. Religiousness.

Introdução

“E se algum de Vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e não o lança em rosto, e ser-lhe-á dada”. Essa passagem do Novo Testamento, de Tiago 1,5, serviu, segundo o próprio relato de Joseph Smith Jr. — o precursor d’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com 14 anos na época, filho de fazendeiros americanos —, de motivação para que ele, em um momento de dúvida, dirigisse-se a um bosque

perto de sua residência, no estado de Nova York, para interrogar Deus. Suas perguntas, feitas por meio de oração, eram sobre a qual religião deveria se filiar, visto que seus pais eram de duas denominações religiosas diferentes, e ele encontrava-se confuso. De acordo com seu relato, ele recebeu uma resposta, através de uma visão, e teria ouvido a voz de dois personagens celestiais, que lhe teriam dito que não se filiasse a nenhuma igreja local, e que restaurasse a igreja primitiva de Jesus Cristo (AIJCSUD, 1991, p. 4).

Os dez anos passados desde essa primeira visão até o estabelecimento da Igreja teriam sido repletos de instruções e revelações. Dentre elas, a orientação de que ele organizaria a Igreja de Jesus Cristo novamente e que traduziria um registro sagrado.

A primeira reunião oficial da Igreja aconteceu no dia 6 de abril de 1930, em Fayette, Nova York. Estavam presentes seis homens responsáveis pela organização da reunião, dentre eles Joseph Smith Jr. e Oliver Cowdery e mais 56 pessoas (AIJCSUD, 1991, p. 30). Nessa primeira reunião, foi pedido o apoio dos presentes para que Joseph Smith Jr. — então com 24 anos — e Oliver Cowdery fossem seus líderes espirituais; essa prática, a de apoio aos líderes da Igreja, acontece periodicamente até hoje em todas as capelas da Igreja, bem como em conferências gerais semestrais transmitidas via satélite. Desde essa época, a Igreja reúne registros, constrói monumentos em lugares históricos e mantém bibliotecas dedicadas a registrar sua história.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (AIJCSUD) é uma associação cristã que tem como propósito principal o estabelecimento da organização primitiva da Igreja de Cristo em todo o mundo, sendo aqui entendida por “primitiva” — a mesma forma como a Igreja era organizada em Jerusalém nos tempos antigos, como descrito no Novo Testamento, em Efésios 5,23, onde é dito que Cristo é o cabeça da Igreja. Sendo assim, a Igreja mantém uma organização de um Profeta e doze apóstolos, bem como um trabalho missionário mundial. A obra missionária é um dos pilares da Igreja, que divulga três missões principais — proclamar o evangelho, aperfeiçoar os santos e redimir os mortos —, que serão especificadas mais adiante.

A Igreja possui características restauracionistas presentes no nome oficial da Igreja, bem como em outros aspectos. Em uma passagem do *Livro de Mórmon* — uma das obras principais que serve de alicerce para a

Igreja —, Cristo teria ordenado que sua Igreja tivesse seu nome: “E como será a minha igreja se não tiver o meu nome? [...] Se for chamada pelo meu nome, então será a minha igreja, desde que estejam edificadas sobre o meu evangelho” (AIJCSUD, 2006, p. 534). O nome da Igreja faz referência a Jesus Cristo, como seu líder, e a denominação de seus membros, como *santos* também é algo presente na antiguidade, de onde surge a referência aos *últimos dias*. O termo *santos* é a mesma denominação usada para se referir aos membros da Igreja na época de Cristo.

Sua fundamentação doutrinária está no evangelho de Jesus Cristo, ou seja, que Jesus Cristo era o filho de Deus que nasceu de mãe mortal para que pudesse viver de modo pleno a mortalidade e então morrer e ressurgir para evidenciar ao povo que isso vai acontecer a todas as pessoas que nascem na terra. Essa é a grande missão de Cristo, conceder a imortalidade ao homem.

Porque se não fora pela redenção que fez por seu povo, a qual foi preparada desde a fundação do mundo, eu vos digo que, não fora por isso, toda a humanidade teria perecido. Mas eis que as ligaduras da morte serão rompidas; e o filho reina e tem poder sobre os mortos; portanto ele efetua a ressurreição dos mortos (AIJCSUD, 2006, p. 201).

A doutrina fundamenta-se também no poder denominado *Sacerdócio*, que vem a ser algo chamado de “autoridade divina”, conforme explica Smith (1994, p. 81). Esse poder o homem recebe para agir em nome de Deus, em ordenanças relacionadas à rotina da Igreja, como, por exemplo, batismos, casamentos e selamentos e cura de enfermos.

O modelo de casamento adotado em AIJCSUD é singular, porque, de acordo com a doutrina elegida, ele pode ser eterno. Isso quer dizer que a união entre homem e mulher pode perdurar além da vida, bem como a unidade familiar. Então o homem portador dessa autoridade pode agir na Terra e suas ações terem efeito além da vida mortal.

AIJCSUD e seus membros ficaram conhecidos popularmente como *mórmons* ou *Igreja Mórmon* em virtude do chamado *Livro de Mórmon*, que é denominado pela Igreja como “outro testamento de Jesus Cristo” (AIJCSUD, 2006). Esse livro seria uma tradução de registros históricos achados no estado de Nova York em 1923, por Joseph Smith Jr., primeiro presidente e restaurador da igreja, e corresponde a uma coletânea de

livros. O termo *Mórmon* não deve ser aplicado formalmente à Instituição, somente a seus membros.

Joseph Fielding Smith, sexto presidente da Igreja, declarou sobre o Livro de Mórmon: “É o livro de escrituras das Américas, é exatamente tão sagrado e inspirado quanto a bíblia, que contém os registros sagrados do povo hebraico no Hemisfério Oriental” (SMITH, 1994, p. 211).

Os números atuais da Igreja são de 14.131.497 de membros distribuídos em mais de 160 países, e o número de batismos em 2010 foi de 272.814, de acordo com a revista oficial da Igreja — *Aliahona* (AIJCSUD, 2011, p. 29). A condição de membro da Igreja é obtida por meio da cerimônia do batismo, realizada seguindo o modelo descrito na Bíblia, ou seja, a pessoa é imersa completamente na água. As estatísticas revelam que o número de membros cresce em um milhão a cada três anos (AIJCSUD, 2013). Após ser batizada, por um portador do sacerdócio, a pessoa é considerada oficialmente membro da Igreja. O site oficial da Igreja destaca que o seu crescimento real se dá pelo comprometimento dos membros com a prática religiosa; quanto mais o membro for fiel aos compromissos assumidos no batismo, maior a Igreja será. Desta forma cumpre uma de suas missões citadas no início do texto: aperfeiçoar os santos. A porcentagem de membros atuantes em relação ao número de batismos varia muito de local pra local.

Outro fator que contribui para o aumento do número de membros são os nascimentos dentro das famílias, que costumam ser numerosas. De acordo com Rodney Stark, professor de Sociologia da Universidade de Baylor, no Texas, “é bem possível que, daqui a 40 anos, 1 em cada 20 americanos seja mórmon e o mundo tenha cerca de 50 milhões deles [...]. Estão muito perto de ser a segunda religião da história a ter pelo menos uma congregação em cada país do planeta — logo depois dos católicos” (WEINGRILL, 2007).

Um fato diretamente ligado ao crescimento da Igreja é o número de missionários realizando proselitismo em tempo integral. A Igreja possui hoje 52.225 missionários de tempo integral em 162 países pelos cinco continentes (AIJCSUD, 2011, p. 29). O trabalho missionário segue o preceito simples registrado na Bíblia: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” (Mc, 16,15). Os missionários da Igreja são jovens com idades entre 18 e 25 anos, que realizam uma missão de tempo integral durante dois anos, para os homens, e 18 meses para as mulheres.

Elas podem sair em missão a partir dos 21 anos. Dessa forma, a Igreja cumpre outra das três missões principais, a de proclamar o evangelho.

Procura-se observar, neste estudo, as formas de significação da morte e do luto para membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A partir de um levantamento da proposta doutrinária de AIJCSUD, procura-se descrever se ela é capaz de servir como recurso para o enfrentamento da morte e luto, e como isso se daria. Será utilizada uma análise documental, a partir de material oficial da Igreja como os principais livros e sua revista mensal, *Aliahona*.

Pretende-se descrever os conceitos básicos doutrinários relacionados ao tema “sentido da vida e morte”, bem como analisar alguns depoimentos de membros da Igreja publicados na revista, de janeiro de 2000 até outubro de 2011, com a finalidade de levantar estratégias de enfrentamento do luto. Foram selecionados os depoimentos que relatam experiências pessoais com a morte de pessoas próximas da família, como pais, filhos ou irmãos.

Essas fontes de pesquisa foram selecionadas por serem publicadas e distribuídas regularmente pela igreja, fazendo parte, portanto, do acervo pessoal dos membros, inclusive do acervo da pesquisadora, além de ser material oficial da igreja. O envio de relato de experiências pessoais é uma prática entre os membros, que recebem mensalmente a revista, na qual os relatos são publicados, e reflete como os fiéis encaram a relação com a morte a partir da doutrina da Igreja.

Princípios doutrinários sobre a vida e a morte

Se o trabalho missionário está diretamente relacionado com o crescimento da Igreja, o que é ensinado por esses jovens que faz com que milhares de pessoas aceitem, no mundo todo, tal compromisso religioso? O que se percebe ao ler os depoimentos de tais pessoas é que a mensagem da Igreja vai ao encontro de questões existenciais presentes na história da humanidade desde seus primórdios. De onde vim? Para onde vou? Qual o propósito da vida? Será a morte o fim da existência humana? Por exemplo, que casal de noivos apaixonados não gostaria de realizar uma cerimônia que perpetue tal união para além desta vida, e fazer valer a expressão

de “amor eterno”? Ou então ao nascimento do primeiro filho, saber que ele pode ser seu para sempre?

De acordo com Victor Cabrera, membro da Igreja no México, os missionários trouxeram-lhe algumas respostas: “Quando segurei minha filha nos braços pela primeira vez, tive a sensação de que Deus de fato existia. Na maior parte do tempo, contudo, minha alma estava mergulhada numa angústia inexplicável” (CABRERA, 2001, p. 43). Depois de conhecer dois missionários nas ruas de Monterrey, e ouvir algumas palestras por duas semanas, aceitou o batismo e posteriormente sua família também. Ele descreve seus sentimentos depois disso: “agora, como família, desfrutamos harmonia, paz e felicidade. Sabemos a quem adoramos. Sabemos de onde viemos e para onde vamos” (CABRERA 2001, p. 43).

Ensina-se na IJCSUD que a vida do homem é imortal; ele existia antes de habitar a Terra e continua a crescer espiritualmente depois de sua morte. Que o homem é um ser espiritual vivendo uma experiência mortal. Sua vida, portanto, é só um meio de progresso que não seria possível em um plano pré-mortal, e que na mortalidade é possível por causa das situações adversas nas quais vivemos. Isso é ensinado por meio de uma doutrina chamada de “plano de salvação” ou “plano de felicidade”. Para o atual presidente da Igreja, Thomas S. Monson, qualquer ser humano, em algum momento de sua vida, pergunta-se sobre o propósito e o sentido da vida. “Se há um plano que rege o mundo em que vivemos, é preciso haver um autor. Quem pode contemplar as muitas maravilhas do universo sem acreditar que existe um plano para toda a humanidade? Quem pode duvidar que exista um autor?” (MONSON, 2010, p. 87-88).

O plano de salvação diz que vir habitar a Terra foi uma escolha individual, que Deus criou o homem espiritualmente, bem como todas as coisas da Terra, e esse espírito habita o corpo mortal. Young (1954), segundo presidente da Igreja, declarou que a criação de Deus é eterna. Ele explica que a matéria da qual se origina tudo que já existiu e que ainda existirá é eterna. Ele diz ainda que jamais houve uma ocasião em que não existiu essa matéria da qual fomos criados, e que não existirá uma época em que ela deixará de existir; a criação diz respeito à organização da matéria. “A vida que está dentro de nós faz parte de uma eternidade de vida, e é espírito

organizado, revestido de um tabernáculo, o que constitui o nosso presente ser, o qual foi criado para alcançar maior inteligência” (YOUNG, 1954, p. 48).

O homem seria então essencialmente bom, apesar desse espírito que habita o corpo não ser perfeito; ele vem à terra ansioso pelas coisas boas e justas, vem em busca de conhecimento (SMITH, 1997). De acordo com Smith, o homem recebe, desde a sua criação — registrada em Gênesis e por meio das leis e ordenanças do antigo testamento —, conhecimento a respeito deste plano. O homem tem essas respostas desde o princípio, e sabia do objetivo da existência humana antes de nascer na Terra. O fato de não ter lembranças dessa pré-existência é parte do plano (SMITH, 1998, p. 148).

Para que isso seja possível, alcançar maior desenvolvimento espiritual, o homem precisa conhecer Deus, bem como reconhecer o papel de Jesus como Cristo e provedor do meio pelo qual o homem vai um dia receber um corpo imortal. De acordo com Ballard (2001, p. 30), o homem pode receber ajuda de Deus por meios espirituais, por influências espirituais, já que temos um espírito habitando em nosso corpo. Segundo ele, o maior conflito que enfrentamos na mortalidade é contra nós mesmos. Em virtude da natureza carnal do homem, ele cede facilmente aos desejos e às ambições. Novamente, entende-se o livre arbítrio como essencial à salvação, algo concedido ao homem para que ele possa agir por si e viver pela fé — de outro modo não haveria crescimento espiritual. Ao passo que o homem escolhe o caminho do bem, torna-se suscetível à influência e à ajuda divina. Com essa possibilidade de receber revelações, o homem pode entender, não só de forma racional, mas também espiritual, o papel de Jesus Cristo como salvador da alma humana.

Johann Wondra, membro da igreja, relata que o conhecimento e o entendimento sobre o evangelho de Jesus Cristo, sua morte e ressurreição deram força e esperança para ele e sua esposa por ocasião da morte de seu filho, Georg. Ele conta que é graças a sua fé que eles conseguem seguir em frente com esperança e otimismo. Que acredita verdadeiramente que, assim como Cristo ressuscitou, ele e sua família terão o mesmo destino. Em suas palavras, “As ordenanças e os convênios sagrados dos templos santos permitem que as pessoas retornem à presença de Deus e que as famílias sejam unidas pra sempre. [...] Isso também se aplica ao nosso relacionamento com nosso amado filho Georg” (WONDRA, 2002, p. 18).

Johann, nesta última citação, faz referência a um lugar chamado *templo*. Para os membros da Igreja, o templo é um local sagrado, onde são realizadas ordenanças para vivos e mortos. Uma ordenança é uma cerimônia, ou ritual sagrado, ou seja, consistem em ações de significado espiritual (AIJCSUD, 1996, p. 241). Nos templos, são realizados os casamentos entre vivos e também para pessoas que já faleceram, bem como batismos para pessoas falecidas. Casamento no templo é sinônimo de casamento eterno, e o *selamento* pode ser feito entre pais e filhos, vivos ou mortos.

Essa doutrina se baseia em algumas passagens bíblicas que fazem referência a um poder selador, capaz de perpetuar estas ordenanças para além vida: “Porque por isto foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito” (1Pe 4,6); “Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Porque se batizam eles então pelos mortos?” (1Cor 15,29); “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e o que ligares na terra será ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus” (Mt 16,19). A terceira missão da Igreja, de redimir os mortos, cumpre-se dessa maneira.

Dessa forma, tanto os casamentos entre vivos quanto ordenanças pelos mortos podem ser realizadas. A ordenança mais importante dentro da igreja é o chamado casamento celestial. Ele proporciona para as famílias uma perspectiva de união eterna, condicionada a uma vida estabelecida dentro dos princípios do evangelho. As ordenanças realizadas pelos mortos tomam por princípio que a pessoa falecida nunca tenha tido a oportunidade de receber tais ordenanças em vida e que terá a liberdade de aceitar ou não a ordenança. É com esse propósito que a Igreja mantém o que é considerado o maior acervo genealógico do mundo, disponíveis a membros e não membros a partir de um programa obtido pela internet. Os nomes submetidos ao templo precisam estar vinculados às famílias dos membros da Igreja. Não é permitida a realização de ordenanças vicárias por pessoas que não pertençam a famílias de membros.

A morte, então, para AIJCSUD é a separação entre corpo e espírito, é a passagem desta vida para uma dimensão pós-mortalidade. Segundo os princípios da Igreja, o “mundo espiritual é um lugar de espera, trabalho,

aprendizado e de descanso dos cuidados e tristezas” (AIJCSUD, 1996, p. 289). A doutrina afirma que o corpo morto permanece na terra e o espírito imortal viverá nesse local, nessa nova dimensão, à espera da ressurreição.

Outro ponto importante da doutrina para significar a vida terrena é que os espíritos levam da terra as mesmas atitudes de devoção ou antagonismo às coisas espirituais que experienciaram em vida. Eles possuem os mesmos desejos e inclinações que tinham quando vivos. E o que se pode efetivamente levar dessa vida é, portanto, nossa experiência de vida e o conhecimento aqui adquirido. Isso poderá ressurgir com o corpo, entendendo-se como ressurreição a reunião do corpo com o espírito. Esse novo corpo será vivificado pelo espírito de Deus, não mais pelo sangue, e essa união resultará em imortalidade.

Testemunhos nos momentos de luto

A tríade — vida, morte e ressurreição — está presente nos depoimentos e comentários a seguir. Segundo o atual Presidente da Igreja, Thomas Monson, para compreendermos o significado da morte é preciso entender e valorizar o propósito da vida. A morte é somente mais um capítulo da vida, do qual ninguém escapará. Mas a fé na ressurreição é capaz de proporcionar consolo, esperança e uma despedida temporária (MONSON, 2007, p. 23).

Depois da morte de seus três filhos adolescentes, Louis, Travis e Jason, a Sra. Keller escreveu uma carta onde relata que a rotina de sua casa nunca mais fora a mesma sem metade dos seus filhos, mortos em casa por monóxido de carbono. Em um trecho de sua carta citada por Monson em seu artigo “Ele Ressuscitou”, lemos:

Temos passado noites que nos parecem insuportáveis. A mudança em nossa vida doméstica foi tão drástica. [...] O domingo é tão silencioso. [...] Agora ponderamos: nada de missões, casamentos, netos. Não pedimos que voltem, mas não podemos dizer que teríamos renunciado a eles voluntariamente. Retornamos aos nossos deveres na Igreja e às nossas responsabilidades familiares. Nosso desejo é o de viver de maneira a que os Kellers sejam uma família eterna (MONSON, 2003, p. 6).

O consolo, neste momento, para a família Kellers é a esperança de estarem juntos novamente, de ser uma família eterna, o que, para os membros de AIJCSUD, é possível por estarem selados, de acordo com os princípios, pra toda a eternidade. A dor é evidente no depoimento, mas a volta à rotina e ao trabalho é possível pela esperança do reencontro. Percebe-se que não é declarado nada no sentido de revolta ou na recusa de continuarem a servir na igreja, eles declaram voltar às atividades.

Monson também relata uma experiência pessoal que teve com um jovem pai que pairava entre a vida e a morte em um leito de hospital. O homem o olhou nos olhos e perguntou o que aconteceria com seu espírito depois de sua morte. Monson então respondeu usando passagem do *Livro de Mórmon* que declara que após a morte o estado da alma, logo que deixa este corpo mortal, é levado de volta para aquele Deus que lhe deu a vida. “E será recebido num estado de felicidade que é chamado paraíso, um estado de descanso, um estado de paz, onde descansará de todas as suas aflições e de todos os seus cuidados e tristezas” (AIJCSUD, 2006, p. 356).

Gonzáles, outro membro da Igreja, também declara que quando se entende que a morte é um passo necessário em direção à ressurreição e a vida eterna, é possível encontrar consolo e lidar melhor com a dor do luto e sentir alegria de novo (GONZÁLEZ, 2003, p. 19). Para Cláudia Ortiz Herrera, membro da Igreja na Guatemala, os últimos dias de vida de seu pai foram momentos de angústia e prova de sua fé. Ele sofreu um grave acidente de carro e passou nove dias no hospital antes de falecer. Ela descreve que via a vida esvaír-se do corpo de seu pai e preocupava-se ao pensar se o que ia acontecer não abalaria sua fé. Mas ela relata que isso não aconteceu, porque o plano da qual havia sabido fazia sentido agora. Em suas palavras, “Pude sentir uma paz que amenizou minhas emoções. Ela ampliou minhas perspectivas e permitiu-me ver até um certo ponto, a grandeza, glória e majestade da vida e a importância deste breve período sobre a terra” (HERRERA, 2004, p. 46).

A morte de um membro da família pode ser algo insuperável, como para Luiz Maykot, que perdeu o pai com 7 anos, algo que tornou sua vida muito infeliz. “Perdi a autoconfiança e comecei a desconfiar de todos. Minha vida era tão infeliz que um dia, quando tinha dezoito anos, vi-me lutando contra o desespero, implorando a Deus que me mostrasse

o caminho para uma vida feliz” (MAYKOT, 2010, p. 48). Ao conhecer AIJCSUD, foi desafiado a orar por respostas. Depois de relutar por algum tempo, ele orou e jejuou, e, de acordo com suas palavras, orou com fé, sinceridade e força. Ele diz ter recebido as respostas de que precisava e relata seus sentimentos: “pareceu-me que o mundo havia parado. Por onze longos anos eu havia ansiado por aquilo e, finalmente, estava sendo de novo abraçado por um pai — um pai Celestial. Finalmente tinha encontrado alguém em quem confiar” (MAYKOT, 2010, p. 48). A religião parece ter sido fundamental para que esse jovem conseguisse retomar a confiança nas pessoas e na vida e superar seu luto. Ela proporcionou a experiência pessoal e espiritual necessária para que isso acontecesse.

Para Elaine Dalton, que perdera seu pai quando ainda era uma adolescente, não fazia sentido ficar sem o patriarca da família quando precisavam tanto dele. Ela disse que orou por respostas e tinha a impressão de que os céus haviam se fechado pra ela. Não entendia por que seu pai não se curara depois de tantas orações. Um ano depois da morte dele, ao escutar um discurso em uma reunião semanal da Igreja, onde foi lida uma determinada escritura da bíblia, ela relata que sentia que precisava confiar em Deus, e que demorou muito para receber uma resposta. Segundo suas palavras, “não era a resposta que eu tanto desejava, [...] Não era para eu saber o motivo daquele acontecimento. Quando você confia no Senhor, torna-se capaz de fazer qualquer coisa, [...]. Ele caminhará a seu lado. Esse é meu testemunho” (DALTON, 2011, p. 60).

Jeffrey Hill é membro da Igreja em Orem, Utah. Ele conta que sua esposa, Juanita, mãe de seus cinco filhos, sofreu de câncer por duas vezes em quatro anos. Primeiramente, ela desenvolveu um câncer de mama, e os médicos não lhe davam mais que cinco anos de vida. Entretanto, depois de muita quimioterapia, cirurgia e radiação, juntamente com orações e jejuns, ela ficou milagrosamente curada. Três anos depois, ela foi novamente acometida de câncer no pulmão. Dessa vez, os médicos disseram que não havia cura possível, somente medidas paliativas. Jeffrey relata que se sentiu traído e sem esperança diante de tal prognóstico. Por seis meses eles viveram intensamente suas vidas, tentando significar da melhor maneira possível o papel de mãe que Juanita tanto desejava cumprir. Com o passar do tempo, Jeffrey entendeu que um milagre de cura não

aconteceria novamente, entretanto ele sentia-se consolado ao lembrar-se das seguintes palavras proferidas por Hinckley (apud HILL, 2006, p. 27): “As ordenanças e os convênios sagrados dos templos santos permitem que as pessoas retornem à presença de Deus e que as famílias sejam unidas para sempre”.

Ele relata que a família mudou de foco. Em vez de se concentrarem na busca por um milagre, deveriam buscar aprender com Juanita o máximo que pudessem no pouco tempo que tinham ainda juntos. Juanita então escreveu longas cartas para cada um dos filhos, dando conselhos e incentivo. Gravaram fitas com sua voz cantando canções de ninar e hinos, fazendo cópias para os filhos e netos que ainda viriam. A família passou o tempo concentrada nas atividades planejadas. Por fim, todos os filhos estavam ao lado de Juanita quando ela faleceu, e tiveram a chance de expressar carinho e amor. Nas palavras de Jeffrey: “Ela estava consciente e falou conosco até cerca de dez minutos antes de seu falecimento. Foi quando eu lhe disse: Eu a amo, e ela respondeu em espanhol, ‘Lo mismo’ [...] suas últimas palavras. Seu falecimento foi tranquilo” (HILL, 2006, p. 28).

Religião e a busca de entendimento sobre sofrimento e morte

Rituais que servem de garantia para o “além-vida” existem há muitos séculos. Kóvacs (2003, p. 41), em seu estudo sobre a proposta de uma educação para a morte, relembra alguns. A autora cita que, por volta do século IX, era essencial, antes da morte, que fossem prestadas as honras e a absolvição representadas em duas ações: a da benção e a da purificação do corpo. Foi nessa época também que se instituíram, nas Igrejas Cristãs, as missas para os mortos. Outra garantia para o além é o surgimento dos testamentos, por volta do séc. XII, que, além das transmissões de bens, era um ato religioso. Aquele que não testava não podia ser enterrado nos cemitérios nem nas igrejas. Esses estudos demonstram que há tempos a humanidade preocupa-se em assegurar, de alguma forma, um pós-morte para os homens ou possibilidades de uma eternidade feliz para as almas.

Nesse estudo, a autora incentiva uma mudança em nosso modo de lidar com o tema da morte, uma mudança cultural, de modo que nos

preocupemos mais em entender melhor a morte, e não simplesmente evitá-la ou fugir dela, como se ela nunca fosse um dia bater a nossa porta. Nesse sentido, buscaram-se, neste trabalho, algumas reflexões quanto ao tema, apresentando alguns conceitos doutrinários cristãos, meios muito utilizados para enfrentar momentos de sofrimento e de morte. Da mesma maneira, elegeu-se uma religião cristã para ilustrar a busca do homem por consolo e respostas diante da finitude da vida.

Segundo Kubler-Ross, com o objetivo de evitar a dor, a ciência, apesar de todos os avanços, ainda não permite que o paciente “morra em paz”, ou seja, ainda não são trabalhados aspectos importantes como a preparação da família e do paciente terminal para a morte. A autora lamenta o fato de que o paciente é tratado como alguém sem direito à opinião, que é sempre uma outra pessoa que decide o que lhe vai acontecer, para onde vai ou quando ser hospitalizado, por exemplo. Ela faz a pergunta: “Quanto mais avanços na ciência, mais parece que tememos e negamos a realidade. Como é possível?” (KUBLER-ROSS, 1992, p. 20). Dessa forma, não é possível assistir aos aflitos de maneira a contemplar a plenitude de seu sofrimento; enquanto não abordarmos de forma clara as dores e a morte como algo intrínseco à vida, não é possível amenizar as angústias.

Em contraposição, considerando um dos relatos descritos aqui (o de Juanita), observa-se que havia uma aceitação quanto ao fim da vida e um significado para o sofrimento e que lhe foi oportunizado escolher onde queria estar no momento da despedida de seus familiares. A família se abriu às possibilidades de preparação para o que era inevitável, acompanhou os últimos desejos da enferma, preparou-se para a despedida eminente, e a auxiliou no momento difícil e fim de sua vida terrena (HILL, 2006, p. 28). Essa atitude diante da morte, segundo o relato de Jeffrey, veio inspirada pela fé, por acreditar que a separação imposta pela morte seria algo temporário, já que, de acordo com as promessas feitas por ocasião de seu casamento no templo, esse é realizado para perdurar além desta vida.

Kubler-Ross, em seu estudo sobre a morte e o morrer, observa que antigamente havia um número maior de pessoas que acreditavam em Deus, que consideravam uma vida futura na qual as dores e sofrimentos seriam aliviados. Dessa maneira, havia um sentido para o sofrimento e, por isso, as pessoas suportavam melhor as adversidades da vida. Hoje, o

sofrimento é aliviado a todo custo, seja na hora de nascer ou na hora de morrer. A dor é sempre evitada, talvez por reflexo da negação de nossa própria mortalidade. “Há muito sumiu a crença de que o sofrimento aqui na terra será recompensado no céu. O sofrimento perdeu sua razão de ser” (KUBLER-ROSS, 1992, p. 27). Segundo a autora, a Igreja tem a finalidade de transmitir esperança, dar sentido às tragédias e aos acontecimentos dolorosos da vida, que de outra forma são inaceitáveis.

Em outras épocas, as práticas religiosas eram facilmente consideradas de ordem patológica, entretanto, de acordo com investigações e estudos recentes, relacionando saúde mental com a religiosidade, e considerando vários aspectos de envolvimento religioso, observam-se resultados desejáveis de saúde física e mental (FARIA; SEIDL, 2005; PAIVA, 2007; SANCHEZ; NAPPO, 2007; PANZINI; BANDEIRA, 2007; KÓVACS, 2008; FORNAZARI; FERREIRA, 2010). Segundo Paiva, a explicação para esses acontecimentos pode ser encontrada, do ponto de vista psicológico, na eficiência da religião em promover comportamentos saudáveis e restringir comportamentos nocivos. Tais fatos interferem diretamente nos estilos de vida privada, na integração e no apoio, encontrados nos grupos religiosos, e ainda no aumento dos sentimentos de autoestima e de autoeficácia, que, de acordo com Paiva (2007, p. 101), são promovidos pela religião.

Sobre a questão da psiconeuroimunologia, Kóvacs (2008) aponta dados que ligam os efeitos do luto sobre o sistema imunológico. Ela cita dados epidemiológicos que apontam muitas mortes após a viuvez, e sintomas recorrentes em pessoas enlutadas, tais como depressão, abuso de substâncias, insônia e anorexia, já são associados ao luto, e não mais considerados automaticamente doenças físicas. Nesse aspecto, pode-se pensar que pessoas que conseguem lidar com o sofrimento e a morte estão menos sujeitas a problemas de saúde.

Para Kóvacs (2003), são tantas as perguntas que assombram a humanidade com relação ao maior mistério da existência, a morte, que as respostas oriundas da religião, por mais incompletas que sejam, não impedem que, para uma pessoa, num dado tempo, sirvam e sejam significativas, oferecendo um sentimento de totalidade. O que se observa pelos relatos é que, no contexto da religião apresentada, e para os membros cujos relatos foram selecionados, as respostas dadas pela doutrina da

igreja parecem ter sido importantes para dar sentido à vida e ao sofrimento causado pela morte.

O que se levantou pelos depoimentos de membros de AIJCSUD é que o ritual realizado nos templos dá um sentimento de conforto e segurança nos momentos de luto. As cerimônias — bem como a doutrina — garantem que as famílias não serão separadas com a morte. Isso é vivenciado de forma atuante, com o trabalho realizado por elas e pelos antepassados nos templos. Isso parece dar aos membros algum sentimento de poder diante da morte, já que podem realizar algo por alguém que já faleceu.

Percebe-se que tais recursos estão ligados à doutrina da Igreja, que, além de ensinar a respeito da possibilidade de vida após a morte, também mobiliza seus membros a praticarem a religião de forma a se assegurarem disso. As pessoas, portanto, além de acreditarem que existe vida após a morte, agem por meio de participação em cerimônias religiosas, a fim de concretizar a reunião de famílias em um mundo vindouro, o que pode contribuir mais efetivamente para o bem-estar dos envolvidos. Conhecer a possibilidade de uma existência eterna *em família* é, provavelmente, o motivo que mais impulsiona os membros a serem fiéis à Igreja e seus preceitos, podendo ser um excelente fator de enfrentamento de situações de morte. Diante dessas ideias, pensar na morte como algo que acaba com vínculos afetivos tão fortemente construídos nesta vida é simplificar muito a existência humana.

Na obra *Em Busca de Sentido*, de Viktor Frankl, considera-se a ideia de que a maneira como uma pessoa assume seu destino inevitável e todo sofrimento imposto por ele revela as maiores possibilidades de dar sentido à existência. Vemos claramente um exemplo das ideias de Frankl na declaração de Cláudia O. Herrena, descrita aqui, pois foi em um momento de grande sofrimento que ela significou toda sua vida. Frankl (1999, p. 67) defende que a liberdade espiritual é algo que ninguém pode roubar, e ela permite a percepção do sentido: “Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma do mesmo modo que o destino e a morte. Aflição e morte fazem parte da existência como um todo”.

O autor coloca como liberdade espiritual algo que ele viu emergir em algumas pessoas no campo de concentração, algo que diferenciava estas pessoas, porque não sucumbiam ao meio externo. Elas tomavam uma

decisão interior, primando por sua liberdade e dignidade, demonstrando heroicamente que era possível ser um ser humano de atitude livre e alternativa ante um meio absolutamente coercitivo. Se isso é possível em situações extremas de coerção, como era o campo de concentração, também pode ser possível hoje, diante de situações de sofrimento extremo, porque hoje somos livres pra refletir e agir, e de alguma forma reverter em nosso benefício tanta adversidade.

Enfrentamento religioso na IJCSUD

Analisando-se depoimentos de membros de AIJCSUD, relacionados especificamente ao contexto de morte, encontra-se a relação direta entre palavras e expressões como *oração*, *busca por respostas*, *alívio* e *paz*, evidenciando a busca dessas pessoas por sentimentos de consolo e alívio do sofrimento. Pode-se concluir, portanto, que a religião em questão proporciona meios para que as pessoas sintam-se, de certa forma, aliviadas no momento de perda de entes queridos, por acreditarem que esse afastamento é temporário, permitindo-lhes enfrentar tanto as perdas de entes queridos quanto a própria morte.

Considerando que falar de sentimentos cientificamente é algo muito difícil, e usando o conceito de espiritualidade de Kubler-Ross (1991, p. 55) — “Espiritualidade é a consciência da existência de algo maior do que nós, de um Ser que criou este universo, criou a vida e a consciência de que somos uma autêntica, importante e significativa parte dele e que podemos contribuir para a própria evolução”. Defende-se a ideia de que, em vez de nos abstermos do assunto, possamos considerar as questões espirituais como elementos importantes para compreender a morte. Pode ser também um ponto de partida para planejarmos e significarmos a vida como algo a ser considerado como um primeiro degrau para algo muito maior, algo que nossa mente limitada só entende por meio da fé. Assim, a fé se configura — em consonância com grande parte da literatura científica — como um excelente meio de enfrentamento do contexto da morte (FARIA; SEIDL, 2005; PAIVA, 2007; PANZINI; BANDEIRA, 2007; KÓVACS, 2008; FORNAZARI; FERREIRA, 2010).

Não podemos deixar de observar que, quando falamos em padrões morais e prática religiosa, tocamos em algo sensível. É fácil relacionar esses termos a fanatismo religioso e a problemas que também podem ser causados pela rigidez na aplicação de certos princípios, a falta de liberdade e a restrição que determinadas normas produzem, por exemplo. Esses aspectos não foram abordados neste trabalho, porque não era o objetivo; entretanto, acreditamos ser um tema interessante para trabalhos futuros.

Para os membros da igreja em questão, a possibilidade de perpetuar o núcleo familiar mobiliza uma vida estruturada em padrões morais, a prática intensa de atividades religiosas, além do estudo contínuo e aprofundado da doutrina disponível. Isso é transmitido de geração em geração.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias proclama toda a existência como algo que partiu de uma criação espiritual e não tem fim. Segundo sua doutrina, as leis que governam toda essa criação são imutáveis e o homem pode conhecer tudo que é realmente necessário para viver de modo a magnificar esta oportunidade que chamamos de vida terrena. Para os membros da Igreja, morrer é uma etapa necessária para um desenvolvimento espiritual e progresso eterno, e se apegam a essa doutrina para garantir a união familiar. Tragédias, pecado e dor são condições inerentes à vida terrena, necessárias para uma aproximação de um Ser supremo, porque é nesses momentos que se busca Deus mais fervorosamente, mais até do que nos momentos alegres. AIJCSUD realiza seu papel de proporcionar meios para que seus membros tenham experiências espirituais, mesmo em momentos de luto, por meio de conhecimento, prática religiosa e fé.

No que diz respeito à tríade vida, morte e ressurreição, duas dessas pontas sabemos ser muito reais: vida e morte, nós as presenciamos todos os dias. A questão é: de que forma isso nos afeta? Quanto à ressurreição, entende-se que dá significado tanto à vida quanto à morte; quando se acredita em ressurreição, sabe-se que a vida é sua grande chance de realizar sonhos, de construir uma existência que faça sentido, porque, se fosse diferente, qual seria o propósito da vida?

São questões dessa natureza que fazem da religião um importante contexto de crescimento humano e de enfrentamento das situações complexas da vida, bem como recursos para lidar com os mistérios com os quais a humanidade continuamente se defronta.

Referências

- A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS — AIJCSUD. **A Verdade Restaurada**. São Paulo: AIJCSUD, 1991.
- A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS — AIJCSUD. **O Livro de Mórmon**. São Paulo: AIJCSUD, 2006.
- A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS — AIJCSUD. Relatório Estatístico de 2011. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 64, n. 5, maio, p. 29, 2011.
- A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS — AIJCSUD. **Facts and Statistics**. Disponível em: <<http://www.mormonnewsroom.org/facts-and-statistics/>>. Acesso em: 30 jun. 2013.
- BALLARD, M. J. O Conflito Mortal. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 25, n. 9, setembro, p. 30, 2001.
- CABRERA, V. M. A Causa e o Reino. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 25, n. 8, agosto, p. 43-46, 2001.
- DALTON, E. S. Confiar no Senhor. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 64, n. 6, junho, p. 60, 2011.
- FARIA, J. B.; SEIDL, E. M. F. Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 381-389, 2005.
- FORNAZARI, S. A.; FERREIRA, R. E. R. Religiosidade/espiritualidade em pacientes oncológicos: qualidade de vida e saúde. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 265-272, 2010.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GONZÁLEZ, W. F. Morte e ressurreição. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 56, n. 4, abril, p. 18-21, 2003.

HERRERA, Y. O. A morte é um novo começo. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 57, n. 9, setembro, p. 46, 2004.

HILL, E. J. A Proclamação: um guia, um consolo e uma inspiração. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 59, n. 4, abril, p. 25-28, 2006.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KOVÁCS, M. J. Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, v. 18, n. 41, p. 457-468, 2008.

KUBLER-ROSS, E. **A morte**: um amanhecer. São Paulo: Cultrix, 1991.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MAYKOT, L. F. O abraço de um pai. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 63, n. 4, abril, p. 48, 2010.

MONSON, T. S. Ele Ressuscitou. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 56, n. 4, abril, p. 3-7, 2003.

MONSON, T. S. Sra. Patton: a história continua. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 60, n. 11, novembro, p. 21-24, 2007.

MONSON, T. S. Ele Ressuscitou. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 63, n. 4, abril, p. 16-17, 2010.

PAIVA, G. J. Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. **Estudos de Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 99-104, 2007.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. *Coping* (enfrentamento) religioso/espiritual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl. 1, p. 126-135, 2007.

SMITH, J. F. **Doutrinas de Salvação**. São Paulo: AIJCSUD, 1994.

SMITH, J. F. **Doutrinas e Convênios**. São Paulo: AIJCSUD, 1997.

SMITH, J. F. **Ensinamentos dos Presidentes da Igreja**. São Paulo: AIJCSUD, 1998.

WEINGRILL, N. O segredo dos mórmons. **Superinteressante**, n. 241, 2007. Disponível em: <http://super.abril.com.br/revista/241/materia_revista_241091.shtml?pagina=1>. Acesso em: 30 jun. 2013.

WONDRA, J. A. Encontrando Esperança em Cristo. **Aliahona: Revista Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias**, v. 55, n. 12, dezembro, p. 16-19, 2002.

YOUNG, B. **Discursos de Brigham Young**. São Paulo: AIJCSUD, 1954.

Recebido: 30/08/2013

Received: 08/30/2013

Aprovado: 02/12/2013

Approved: 12/02/2013